

Minha comunicação² tem o título de “A escrevivência enquanto fabulação crítica: *Ponciá Vicêncio* e as possibilidades do nada” e acredito que possa valer a pena que essa fala, mesmo agora transformada em letras sobre uma tela ou papel, de alguma maneira siga uma trilha descrita por esse título, ou seja, que passe por uma conceitualização da prática-conceito da escrevivência, proposta por Conceição Evaristo, mobilize sua aproximação à fabulação crítica proposta por Saidiya Hartman e então deságue nos vazios de Ponciá Vicêncio.

O termo *escrevivência* foi formalmente proposto por Conceição Evaristo no ensaio “Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória” de 2008, mas seus fundamentos podem ser rastreados na própria prática literária da escritora, desde sua primeira crônica publicada em jornal, *Samba-Favela*, e em sua dissertação de mestrado, “Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade” de 1996, de maneira que o termo *escrevivência*, mais do que um neologismo que aglutina as palavras “escrita” e “vivência”, se constrói a partir das ações vistas por Evaristo nos acontecimentos literários negros: o escrever, o se inscrever – no papel, no arquivo literário e histórico – e o se ver. As letras sendo desenhadas *de dentro do quarto de empregada*, como já a ouvi repetir algumas vezes.

A escrevivência, então, se refere à escrita de algumas das literaturas que podem ser chamadas de literaturas afro-brasileiras³, e considera esse feito enquanto ato político e epistemológico de “tomar o lugar da escrita como direito, assim como se toma o lugar da vida” (Evaristo, 2005, p. 202), construindo uma poética na qual história e memória se confundem enquanto elementos constitutivos. Para Evaristo (2008) as escrevivências atuam remontando e reinventando o registro de uma memória social que permite o conhecimento e a

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo (DTLLC/FFLCH-USP) e pesquisadora bolsista do Grupo de Estudos “Escrevivência: Corpus Estético(s) em Diferença”, sob a coordenação de Conceição Evaristo na Cátedra Olavo Setúbal de Arte, Cultura e Ciência do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP), integrante da Coletiva GIRA, coletiva de estudo-intervenção antirracista e anticolonial. (Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo – FUSP/ Projeto N°2894)

² A versão em texto aqui apresentada é aquela apresentada na manhã do dia 12 de julho de 2023, durante o primeiro dia do simpósio “Fabular criticamente o Brasil: invenção e contravenção nas estéticas negras contemporâneas” no XVIII Congresso Internacional ABRALIC em Salvador/BA. Gostaria de agradecer a oportunidade da apresentação, e agradecer especialmente às professoras coordenadoras do simpósio, Fabiana Carneiro da Silva e Assunção de Maria Sousa e Silva pela preparação do espaço para que aquele pudesse ser um lugar de trocas cuidadosas, bem como pela escuta tão atenciosa.

³ Tomo aqui o cuidado com a categorização, de maneira a não tratar, de forma categórica e, portanto, universalizante, toda e qualquer literatura de autoria negra produzida no Brasil como escrevivência, já que, como produções de outros grupos sociais, essas literaturas são plurais e não monolíticas, nem sempre se constituindo pela (com)fusão entre memória e ficção, e podem reivindicar outros nomes para si ou até mesmo nome algum.

construção de um sistema simbólico que através da imaginação, “ocupa um espaço vazio deixado pela ausência de informações históricas mais precisas”, e possibilita assim a reorganização do território negro da diáspora.

À medida que a “palavra poética” (Evaristo, 2008) tecida pela escrevivência rememora o passado, ela sonha o futuro, e se torna capaz de inventar outros destinos que não aqueles incessantemente propostos pelas arquiteturas jurídicas, econômicas e simbólicas coloniais responsáveis pela produção e atualização da violência racial-colonial.

O vazio ao qual Conceição Evaristo se refere quando aponta para os lugares onde a escrevivência se constrói não é, no entanto, um vazio desabitado, de forma que a escrevivência tem como sua imagem fundante a expressão insubordinada e silenciosa recuperada nas fotografias das chamadas “mães pretas”, escravizadas responsáveis pela criação das crianças da casa grande. Sobre isso, apresento um breve trecho de uma entrevista de Evaristo que foi transcrita e agora compõe um dos textos do livro “Escrevivência: uma escrita de nós”:

Escrevivência em sua concepção inicial, se realiza como uma ação que pretende borrar, desfazer, uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossos e de nossas ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim para acordá-los de seus sonos injustos”. (Evaristo, 2020, p.30)

A escrevivência, então, se configura enquanto um compromisso com a vida e com a insubordinação necessária para a sobrevivência negra, ou seja, enquanto um compromisso com ultrapassar os limites de percepção e de registro impostos às vidas negras através da própria vida. *Malandragem de verdade é viver*, já nos foi dito⁴. No texto que abre a terceira edição de seu romance *Becos da Memória*, Evaristo afirma sobre seu procedimento:

E como lidar com uma memória ora viva, ora esfacelada? Surgiu então o invento para cobrir os vazios de lembranças transfiguradas. Invento que atendia ao meu desejo de que as memórias aparecessem e parecessem inteiras. (Evaristo, 2017, p. 11)

Nesta altura é possível uma aproximação entre as proposições de Evaristo e de Hartman. Para começar a trazer a fabulação crítica para nossa conversa, eu gostaria de pensar numa

⁴ Me refiro aqui à canção “Formula Mágica da Paz” dos Racionais Mc’s: “Não tava nem aí, nem levava nada a sério/ Admirava os ladrão e os malandro mais velho/ Mas se liga, olhe ao seu redor e me diga O que melhorou? da função quem sobrou? / Sei lá, muito velório rolou de lá pra cá/ Qual a próxima mãe que vai chorar? Há! demorou, mas hoje eu posso compreender/ Que malandragem de verdade é viver”

afirmação de Hartman que dá título à entrevista feita pela pesquisadora e colega neste simpósio, Fernanda Silva e Sousa⁵: “Eu não sou uma nota de rodapé para o pensamento de grandes homens brancos”, diz Hartman, e imaginando ouvir sua voz, escuto os ecos da voz de Conceição Evaristo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim para acordá-los de seus sonos injustos”. Os pensamentos de Hartman e de Evaristo parecem se encontrar num átimo de recusa: não se dispõem à convivência com as suas próprias mortes, com as nossas próprias mortes, com as vidas já tomadas de nossos ancestrais.

Se nossas escrevivências devem acordar os da casa grande de seus sonos e sonhos injustos, é porque nosso texto, antes de tudo, é carne disposta a ocupar a página, e não as notas de rodapé, com a vida. A aproximação primeira que me salta aos sentidos entre as proposições de Hartman e Evaristo são antes do campo da ética, para que possa ser da estética, o compromisso com aquilo que Conceição, em sua conferência na abertura do congresso para o qual foi escrita essa fala⁶, chamou de “instrução política contida na rememoração da história”, com os rastros da imaginação radical por uma vida digna, com a construção de uma contranarrativa, de uma contra-história, que como ela mesma afirma nas notas que povoam seu *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), nos permitem a necessária coragem para sonhar além das cercas.

Em meio ao medo instalado e à necessária coragem, ensaiamos movimentos ancorados na recordação das proezas antigas de quem nos trouxe até aqui. [...] Sonhamos para além das cercas. [...] Em nossos acidentados campos – sabemos pisar sobre as planícies e sobre as colinas – a cada instante nossos antepassados nos vigiam e com eles aprendemos a atravessar os caminhos das pedras e das flores. (Evaristo, 2017, p. 107)

Em seu artigo “Venus em dois atos” Hartman (2020, p.17) vai nos dizer:

Como uma escritora comprometida em contar histórias, eu tenho me esforçado em representar a vida dos sem nome e dos esquecidos, em considerar a perda e respeitar os limites do que não pode ser conhecido. Para mim, narrar contra-Histórias da escravidão tem sido sempre inseparável da escrita de uma história do presente, ou seja, do projeto incompleto de liberdade e a vida precária da(o) ex-escrava(o), uma condição definida pela vulnerabilidade à morte prematura e a atos gratuitos de violência. Conforme eu a entendo, uma História do presente luta para iluminar a intimidade da nossa experiência com as vidas dos mortos, para escrever nosso agora enquanto ele é interrompido por esse passado e para imaginar um estado livre, não como o tempo antes do cativeiro ou da escravidão, mas como o antecipado futuro dessa escrita.

Há na escrevivência uma “com(fusão)” da memória, na qual há simultaneamente fidelidade e traição, invenção e experiência e um próprio embaralhamento de vida e de morte

⁵ Fernanda apresentou na tarde do dia 12 de julho de 2023 a belíssima comunicação “Dos pés escuros que precisam ser amados: por uma crítica literária dos pequenos gestos ordinários na literatura de autoria negra”

⁶ Conceição Evaristo e Anielle Franco, atual Ministra da Igualdade Racial, participaram, no dia 10 de julho de 2023, da conferência “O radical projeto estético, político e ético das mulheres negras para a invenção de um mundo comum” durante a cerimônia de abertura do XVIII Congresso Internacional ABRALIC em Salvador/BA

(Evaristo, 2017), e parece estar aí o encontro formal entre as duas proposições negras radicais. A fabulação crítica se coloca como uma forma de pensar que, de acordo com Hartman, nos exige o seguinte questionamento: “em que termos podemos sequer entender o passado e a nossa fidelidade a formas rotinizadas de práticas disciplinares? Vamos continuar reproduzindo a hierarquia de conhecimentos? Vamos continuar reproduzindo as estruturas que são inseparáveis do projeto racial em si mesmo?” (Silva e Sousa, 2023, p.11). Durante uma de nossas reuniões do Círculo Escrivivência⁷ anotei a seguinte fala, acredito eu, vinda de Evaristo: “escrevo no intuito não (só) de rasurar, mas de também costurar (fixar) enquanto conhecimento válido”. As rasuras de Hartman e Conceição parecem situar-se entre as divisões dos campos da história e da literatura, história e ficção. Hartman, também dirá sobre seu compromisso: “como nos engajamos com esse trabalho em sua riqueza e polivocalidade? É realmente preciso fazer uma escolha entre literatura e história?” (Silva e Sousa, 2023, p.17) – eu me pergunto, a quem interessa esse policiar essa divisão?

Enfim, o desague: o romance *Ponciá Vicêncio*, que me propus a trazer aqui comigo, é a primeira obra individual de Conceição Evaristo, publicado em 2003. Acerca dele, a professora Fernanda Miranda, vai dizer, “existe uma confluência de tempo, espaço e experiência apontando para os resquícios do passado colonial nas memórias do pós-abolição” (Miranda, 2019, p. 16), características que, eu entendo, parecem contribuir para que, em certa ocasião, a artista Jota Mombaça em mesa com Conceição Evaristo⁸, tenha afirmado que ao ler o romance “tinha impressão de estar lendo a história”, de forma que a obra parecia atuar “num envisionamento da História (no sentido de tornar visível a história) que o Brasil não conseguiu escrever, ou não permitiu que fosse escrita”(Mombaça, 2020) . O romance conta a formação, da infância à maturidade, da personagem Ponciá, sujeita racializada e neta de escravizados. Quando escrevi o resumo dessa comunicação, no início do ano de 2023, minha ideia era de passar por algumas das passagens em que o nada e o vazio, lugares de operação da escrevivência e da fabulação crítica, são mobilizados no romance.

A história de Ponciá acontece através de uma narrativa não linear que mescla passado e presente, rompendo com os princípios de *separabilidade*, *sequencialidade* e *determinabilidade*, no corpo da personagem, que caracterizam o pensamento através do tempo característico do texto moderno (Ferreira da Silva, 2019), de forma que “não sabemos em que

⁷ Círculo Escrivivência foi/é uma das atividades propostas pela pós-doutoranda Calila das Mercês Oliveira na Cátedra Olavo Setúbal de Arte, Cultura e Ciência, no qual nos reunimos enquanto grupo de estudos para a discussão de textos acerca da escrevivência e efetivamente construímos nossos diálogos e pensamentos acerca desta prática-conceito.

⁸ Me refiro aqui à mesa “Territórios de Partilha: como as poéticas podem criar novos mundos”, que ocorreu em ocasião do Festival Mulheres do Mundo (Festival WOW), que ocorreu de maneira virtual no ano de 2020.

ano Ponciá está”, nem sua localização espacial precisa, “apenas em que momento ela se posiciona diante de uma história de continuidades” (Miranda, 2019b). Ponciá se posiciona de certa maneira num vazio histórico que permite que sua história possa ser contada de diferentes localidades.

A primeira aparição do *nada* acontece logo no início do livro, onde o inexplicável (mandinga/feitiço) surge, quando Ponciá-menina, repleta e em relação com o seu território-entorno, vê, de dentro do milharal, uma mulher muito alta de corpo transparente e vazio. A primeira resposta dessa visagem vem de sua mãe, personagem até então não nomeada, que pede ao esposo, pai de Ponciá, que dê fim ao milharal. O homem cumpre o pedido, mas antes disso, resiste, ao dizer que ainda não era tempo de colheita. O homem parece não se incomodar com a aparição e com seu aspecto vazio.

É aqui também, ainda na segunda página do romance, que o vazio, o nada, surge como lugar do negativo, gerador de sofrimento. Importante perceber a ordem dessas aparições e ao que elas nos remetem:

E, quando Ponciá Vicêncio acordou no outro dia, o milharal estava derrubado. As bonecas mortas pelo chão. Ela ainda olhou para os lados com esperança de ver a mulher alta e transparente. Não viu. Tudo era um só vazio. Ponciá chorou. (Evaristo, 2017, p.13)

Ponciá adulta, já casada, morando num barraco na cidade, se ocupa de olhar o nada, se preenche de vazio, sem desejos, sem sonhos, sem nome: “Ponciá Vicêncio gostava de ficar sentada perto da janela olhando o nada. [...]. Ela gastava o tempo com o pensar, com o recordar. Relembrava a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava e nem inventava nada para o futuro” (Evaristo, 2017, p. 18); “Olhando fundo e desesperadamente nos olhos dele, ela respondeu que lhe poderia chamar de nada.” (Evaristo, 2017, p. 19).

A narradora – que supus ser uma mulher mesmo não tendo provas – nos diz que o futuro da personagem era feito de esquecimento. O presente de Ponciá é então composto por rememorações e lembranças, sonhos antigos. De maneira semelhante, mas também definitivamente distinta, Ponciá-menina “sonhava” outros nomes para si. A não pertença a seu nome, também herança da violência racial-colonial, possibilita que a personagem pudesse sonhar ser – a si mesma ou outras. Aqui surge o paradoxo do nada e do vazio novamente: recusando o nome “recebido” e incapaz de se autoneamar, Ponciá se amedronta, mas insiste na brincadeira:

Menina tinha o hábito de ir para a beira do rio e lá, se mirando nas águas gritava seu próprio nome. Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quietí; nenhum lhe pertencia também. Ela inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela

se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha então vontade de choros e risos. (Evaristo, 2017, p.18)

O vazio aparece, então, em *Ponciá Vicêncio*, primeiro como possibilidade de relação com o entorno, transpassado por uma incompreensibilidade do fenômeno. Posteriormente como um vazio carregado de tristeza, vestido da impossibilidade da relação e do fim de certo encantamento. Ora como espaço para reconstrução de memória e subjetividade, quando se perde em seus pensamentos do passado, ora como espaço violentado, quando se apresenta enquanto futuro nenhum. O “nada” pelo qual a personagem pede para ser chamada nos enche de angústia. Sentir-se ninguém, sentir-se sem nome, nos remete a um vazio que pode ser associado a negação de sua vida, enquanto sujeita negra, herdeira e sobrevivente da escravidão. A insistência na brincadeira de chamar-se de outros nomes e seus choros e risos seguem nos lembrando, no entanto, que o nada e o vazio aqui não são significantes maniqueístas, mas sim repletos de infinitas possibilidades, nas quais o choro e o riso não conseguem se desvencilhar ou serem separados.

Assim parece ser também a relação entre as escrevivências evaristianas e os vazios repletos com os quais ela se dá, com os quais ela joga. Como Conceição Evaristo aponta em outra nota de seu *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), sobra nos vestígios das nossas histórias violentadas certo mistério, que num gesto de recusa, a prática-conceito da escrevivência se intenta num preenchimento inventivo, de quem canta na beira do rio histórias suas que não se sabem, nem são, mentiras ou verdades.

Aí, sim, a noite e seus mistérios se abatiam sobre mim. E tudo parecia vazio a pedir algum gesto de preenchimento. [...] Apurava os sentidos, mas o teor profundo das conversas me fugia, diluindo-se no escuro. Então eu inventava dizeres para completar e assim me intrometer nas falas distantes delas. Todas as noites, esse era o meu jogo de escrever no escuro. (Evaristo, 2017, p. 77)

É assim, de certa forma, que também atuam as fabulações críticas de Saidiya Hartman, que, como bem aponta Fernanda Silva e Sousa (2023), se dedica a uma escrita preocupada em cuidar daqueles “cujos traços de suas existências não podem ser encontrados no arquivo da escravidão ou que foram vítimas de testemunhas falhas quanto aos seus nomes, às coisas que disseram ou se recusaram a dizer”. Hartman, num movimento que parte da história e se encontra com Evaristo em algum lugar da ficção, em seu jogo de mentiras e verdades, busca “estratégias e formas narrativas de contar a história da escravidão” (Silva e Sousa, 2023) nas quais possam emergir “imagens, vestígios e indícios” dessas vidas.

“Como a narrativa pode encarnar em palavras e ao mesmo tempo, respeitar o que não podemos saber?” (Hartman, 2020, p.16, grifo meu). Fico tentando acreditar que o potencial de escolha que nos resta no nada e no vazio (*posso colocar o que eu quiser aqui dentro?*)

pode (co)existir junto e para além da angústia. Olho para trás e vejo páginas de atrocidades, páginas vazias, e no entanto, hoje o corpo de meu pai, vivo. Posso criar sob as páginas vazias do passado sem repetir o que já sabemos? O que isso faz por nós? Penso que o breve encontro entre Hartman, Evaristo e os gestos de Ponciá Vicêncio nesta comunicação pode nos servir não só para que reconheçamos algumas de suas encruzilhadas e, assim, possamos começar diálogos entre suas proposições negras radicais, mas principalmente, para que nos inspiremos em seus atos de recusa e tenhamos imaginação para preencher os vazios do futuro, sonhar a dignidade e a vida.

REFERÊNCIAS

- EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. *Escrivivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, Rio de Janeiro, Mina Comunicação e Arte, p. 26-46, 2020
- EVARISTO, C. Da construção de Becos. *Becos da Memória*. 3. ed. Rio de Janeiro:Pallas, 2017.
- EVARISTO, Conceição. *Escrivivências da afro-brasilidade: história e memória*. Releitura, Belo Horizonte, n. 23, 2008.
- EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: SCHNEIDER, MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005, p. 201-212.
- EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1996.
- EVARISTO, C. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro, 3.ed, Pallas, 2017.
- EVARISTO C.;MOMBAÇA,J. Festival WOW Online | Territórios de Partilha: como as poéticas podem criar novos mundos. YouTube, 26 de nov. de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/ElIUCvI9rw8?si=O5QLNFvm1HsEL3r1>
- FERREIRA DA SILVA, Denise. *A Dívida Impagável*, São Paulo, Oficina de Imaginação Poética e Living Commons, 2019
- HARTMAN, Saidiya. *Vênus em dois atos*. Revista ECO-Pós, v. 23, n. 3, p. 12-33, 2020.
- SILVA E SOUSA, F. "Eu não sou uma nota de rodapé para o pensamento de grandes homens brancos": uma entrevista com Saidiya Hartman. ODEERE, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 1-23, 2023.

SILVA E SOUSA, F. Sem nomes e sem histórias, mas amados: a escrita da história da escravidão em *Perder a mãe*, de Saidiya Hartman. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 1–31, 2023.